

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

RAFAELLE ASSIS DE CAMARGO

CLASSIFICADORES: A RELAÇÃO ENTRE O ICÔNICO E O  
ARBITRÁRIO NAS LÍNGUAS DE SINAIS

CAMPINAS

2015

RAFAELLE ASSIS DE CAMARGO

CLASSIFICADORES:

A RELAÇÃO ENTRE O ICÔNICO E O ARBITRÁRIO NAS LÍNGUAS DE  
SINAIS

Monografia apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Linguística.

Orientador: Profa. Dra. Ruth E. V. Lopes

CAMPINAS

2015

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais, pela minha educação.

À Anna, pela companhia.

À Ruth, pela presença.

Ao Eric, pela ajuda com o experimento.

Ao grupo de oração de surdos da igreja Divino Salvador de Campinas, por ceder o espaço, e a todos os surdos que puderam colaborar.

## RESUMO

As línguas de sinais são de modalidade viso-espacial, ou seja, a sua produção se dá de forma manual usando o espaço físico e esse conteúdo é percebido visualmente. Enquanto língua natural, apresentam sintaxe, fonologia, morfologia e semântica próprias. No entanto, esse caráter icônico de alguns elementos motiva, ainda hoje, questionamentos quanto ao seu estatuto linguístico. Em outras palavras, é estabelecida, em geral, uma dicotomia entre as noções de iconicidade e arbitrariedade, opondo-as. Nesse sentido, este trabalho propõe discutir essa relação de oposição e desconstruí-la enquanto argumento para deslegitimar as línguas de sinais como língua. O foco nessa discussão será o uso de classificadores. Segundo Ferreira Brito (1995), o classificador é um morfema afixado a um item lexical e que lhe atribui a propriedade de pertencer à determinada classe; o classificador tem, portanto, significado. Além disso, há nos classificadores uma similaridade física com as formas e movimentos que representam no mundo real, o que nos leva a concluir que a iconicidade é explorada afim de obter efeitos gramaticais e semânticos, ou seja, “é utilizada de forma convencional e sistemática na organização de subsistemas semânticos e de relações gramaticais altamente abstratas (Ferreira Brito, 1990, apud Ferreira Brito, 1995 : 108).” Isso significa dizer que, mesmo quando icônicos, os sinais são considerados convencionais (não universais) porque cada língua escolhe uma característica distinta do referente a ser representada, eles estão sujeitos a condições pragmático-discursivas. Como metodologia, com base num estudo de Bernardino (2012), a proposta é trabalhar com a produção eliciada de sinais por meio da aplicação, em sujeitos surdos, de uma tarefa que consiste em cenas-estímulo (estáticas) que são apresentadas ao sujeito através de um vídeo, enquanto a resposta sinalizada é filmada. O objetivo deste trabalho é descrever os resultados das produções de classificadores e articulá-los à problematização da dicotomia arbitrariedade/iconicidade. Os resultados apontam para o fato de que, mesmo icônicos, quando introduzidos no sistema linguístico, esses sinais tornam-se sujeitos às mesmas regras – em diferentes níveis da língua – que outros não motivados visualmente.

**Palavras-Chave:** *Libras; classificadores; iconicidade; arbitrariedade.*

## ABSTRACT

Sign languages belong to a visual-spatial modality, i.e., its production takes place manually using the physical space and its content is perceived visually. Being a natural language, it presents syntax, phonology, morphology and semantics. However, the iconic nature of some elements motivates questions about its linguistic status. In other words, it is established, in general, a dichotomy between the notions of iconicity and arbitrariness, opposing them. With this in mind, this paper aims to discuss the objection between arbitrariness and iconicity and deconstruct it as an argument to delegitimize sign languages as a real language. The empirical phenomenon discussed are the classifiers. According to Ferreira Brito (1995), the classifier is a morpheme attached to a lexical item that assigns to it the property of belonging to a particular class; the classifier thus bears meaning. In addition, classifiers present a physical similarity with the forms and movements of what they represent in the real world, which leads us to conclude that iconicity is explored in order to obtain grammatical and semantical effects, i.e. "it is conventionally and systematically used on the organization of semantic subsystems and on highly abstract grammatical relations (Ferreira Brito, 1990 apud Ferreira Brito, 1995 : 108<sup>1</sup>)." This means that even when iconic, signs are considered conventional (not universal) because each language chooses a distinctive feature of the referent to be represented. They are subject to pragmatic-discursive conditions. The methodology is based on Bernardino (2012): the plan is to work with elicited data by applying in deaf people a task that consists of a group of static images that are presented to the subject through a video as an input, while the signed response is filmed. Then the results will be described

---

<sup>1</sup> Tradução minha.

and linked to the questioning of the arbitrary/iconicity dichotomy, given that, even when iconic, when introduced into the linguistic system, these signals become subject to the same rules as others non iconically motivated - at different levels of the language system.

**Keywords:** *Libras; classifiers; iconicity; arbitrariness.*

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE SIGLAS .....</b>	<b>8</b>
<b>LISTA DE FIGURAS .....</b>	<b>9</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2. CLASSIFICADORES .....</b>	<b>11</b>
2.1. Classificadores nas línguas orais.....	11
2.2. Classificadores nas línguas de sinais.....	13
2.2.1. Classificadores na Libras .....	18
<b>3. ARBITRARIEDADE.....</b>	<b>20</b>
<b>4. ICONICIDADE .....</b>	<b>22</b>
<b>5. METODOLOGIA.....</b>	<b>25</b>
5.1. Descrição do experimento .....	26
5.2. Participantes .....	28
5.3. Análise dos dados.....	29
5.3.1. Considerações sobre os resultados .....	50
<b>6. CONCLUSÃO.....</b>	<b>51</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>53</b>

**LISTA DE SIGLAS**

ASL	Língua de Sinais Americana
CL	Classificador
CM	Configuração de mão
ETF	Especificador de Tamanho e Forma
LO	Língua oral
LS	Língua de sinal
VL	Verbo de localização
VM	Verbo de movimento

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: SINAIS PARA CASA E CAIXA, QUARTO EM ASL.....	14
FIGURA 2: VARIAÇÕES REGIONAIS DO CLASSIFICADOR DE AVIÃO EM ASL.....	15
FIGURA 3: SINAL PARA BATER-NO-OLHO EM ASL.....	15
FIGURA 4: SINAL PARA PERNAS E SINAL PARA PÉS EM ASL.....	16
FIGURA 5: ORGANIZAÇÃO DE ALGUNS CLASSIFICADORES DE INSTRUMENTO.....	16
FIGURA 6: ESCOLA.....	19
FIGURA 7: SINAIS DE ÁRVORE (A) NA LÍNGUA DE SINAIS AMERICA, (B) NA LÍNGUA DE SINAIS DINAMARQUESA, (C) NA LÍNGUA DE SINAIS CHINESA.....	23
FIGURA 8: ITEM #1 DO EXPERIMENTO.....	26
FIGURA 9: ITEM #2 DO EXPERIMENTO.....	26
FIGURA 10: ITEM #3 DO EXPERIMENTO.....	27
FIGURA 11: ITEM #4 DO EXPERIMENTO.....	27
FIGURA 12: ITEM #5 DO EXPERIMENTO.....	27
FIGURA 13: ITEM #6 DO EXPERIMENTO.....	27
FIGURA 14: ITEM #7 DO EXPERIMENTO.....	27
FIGURA 15: ITEM #8 DO EXPERIMENTO.....	27
FIGURA 16: ITEM #9 DO EXPERIMENTO.....	28
FIGURA 17: ITEM #10 DO EXPERIMENTO.....	28
FIGURA 18: ITEM #11 DO EXPERIMENTO.....	28
FIGURA 19: INVENTÁRIO DE CMS DA LIBRAS.....	30
FIGURA 20: CL COMPLEXO TIPO 1.....	33
FIGURA 21: CL COMPLEXO TIPO 2.....	33
FIGURA 22: CL COMPLEXO TIPO 3.....	33
FIGURA 23: CL COMPLEXO TIPO 4.....	34
FIGURA 24: CL COMPLEXO TIPO 5.....	34
FIGURA 25: CLS DE PARTES DO CORPO PARA OS PÉS DO FLAMINGO.....	35
FIGURA 26: CLS QUE MANTIVERAM A CM DO SINAL LEXICALIZADO.....	36
FIGURA 27: CLS DE PARTES DO CORPO.....	36
FIGURA 28: CLS DE ENTIDADE.....	37
FIGURA 29: CLS ETF REPRESENTANDO A CAIXA.....	37
FIGURA 30: CLS ETF REPRESENTANDO O BURACO.....	37
FIGURA 31: CL ENTIDADE PARA FOLHAS ESPALHADAS.....	38
FIGURA 32: CL ETF PARA LISTRAS.....	38
FIGURA 33: CL ETF PARA CURVA.....	39
FIGURA 34: CLS COMPLEXOS PARA BICICLETA + ÁRVORE.....	40
FIGURA 35: CL ENTIDADE PARA PEIXE.....	41
FIGURA 36: CL ENTIDADE DE COBRA EM B.....	41
FIGURA 37: VARIAÇÃO DE CM PARA REPRESENTAR BICICLETA.....	42
FIGURA 38: VARIAÇÃO DE CM PARA REPRESENTAR BICICLETA.....	42
FIGURA 39: VARIAÇÃO DE CM PARA REPRESENTAR PEIXE.....	42
FIGURA 40: CLS ETF PARA RECIPIENTE.....	43
FIGURA 41: CL ETF PARA MACARRÃO PARAFUSO.....	44
FIGURA 42: CL ETF PARA A LOCALIZAÇÃO DO MACARRÃO.....	44
FIGURA 43: CL ENTIDADE EM CONJUNTO COM CL ETF PARA A LOCALIZAÇÃO DO MACARRÃO .....	45
FIGURA 44: CLS ENTIDADE DE PEIXE COM A MESMA ORIENTAÇÃO.....	46
FIGURA 45: CLS ENTIDADE DE PEIXE COM ORIENTAÇÕES DIFERENTES.....	46
FIGURA 46: CL ETF REPRESENTANDO OS GALHOS.....	47
FIGURA 47: CLS ENTIDADE PARA A FORMIGA CARREGANDO A FOLHA TIPO 1.....	47
FIGURA 48: CL ENTIDADE PARA A FORMIGA CARREGANDO A FOLHA TIPO 2.....	48
FIGURA 49: CL DE CORPO PARA A FORMIGA CARREGANDO A FOLHA.....	49
FIGURA 50: CL ENTIDADE DE COBRA ENROLADA.....	49
FIGURA 51: CLS PARA COBRA ENROLADA NA ÁRVORE.....	50

## 1. INTRODUÇÃO

As línguas de sinais são de modalidade viso-espacial, ou seja, a sua produção se dá de forma manual usando o espaço físico e esse conteúdo é percebido visualmente. Enquanto língua natural (e, portanto, não universal), apresentam sintaxe, fonologia, morfologia e semântica próprias. São línguas “completas, complexas e possuem uma abstrata estruturação em todos os níveis de análise” (Quadros e Karnopp, 2004).

No entanto, o caráter icônico de alguns elementos motiva, ainda hoje, questionamentos quanto ao seu estatuto linguístico. Em outras palavras, é estabelecida, em geral, uma dicotomia entre as noções de iconicidade e arbitrariedade, opondo-as. Nesse sentido, este trabalho propõe discutir essa relação de oposição e desconstruí-la enquanto argumento para deslegitimar as línguas de sinais como língua.

Para tratar de arbitrariedade, teremos como escopo a noção saussuriana apresentada no *Curso de Linguística Geral* (1916/2006): o princípio de que o signo é arbitrário, considerado, pelo autor, de primordial importância na análise linguística. Quanto à iconicidade, partiremos dos pressupostos de Klima e Bellugi (1979) em seus estudos sobre a Língua de Sinais Americana (ASL), considerando-os como referência nesse campo dos estudos linguísticos. Este trabalho não propõe uma abordagem semiótica da língua.

O foco nessa discussão será o uso de classificadores. Há, nos classificadores, uma similaridade física com as formas e movimentos que representam no mundo real, o que nos leva a concluir que a iconicidade é explorada a fim de obter efeitos gramaticais e semânticos, ou seja, “é utilizada de forma convencional e sistemática na organização de subsistemas semânticos e de relações gramaticais altamente abstratas (Ferreira Brito, 1990, apud Ferreira Brito 1995: 108).” Isso significa dizer

que, mesmo quando icônicos, os sinais são considerados convencionais (não universais) porque cada língua escolhe uma característica distinta do referente a ser representada, eles estão sujeitos a condições pragmático-discursivas.

O objetivo deste trabalho é descrever os resultados das produções de classificadores e articulá-los à problematização da dicotomia arbitrariedade/iconicidade, tendo em vista o fato de que, mesmo icônicos, quando introduzidos no sistema linguístico, esses sinais tornam-se sujeitos às mesmas regras estruturais e de funcionamento – em diferentes níveis da língua – que outros não motivados visualmente.

## **2. CLASSIFICADORES**

### **2.1. Classificadores nas línguas orais**

Antes de tratar dos classificadores (CL) nas línguas de sinais, devemos situar a questão apresentando um breve panorama dos estudos sobre classificadores nas línguas orais. Isso será feito com base numa revisão dessa literatura apresentada por Veloso (2008).

Segundo a autora, os “classificadores nas línguas orais são definidos como morfemas afixados a itens lexicais que denotam características semânticas da entidade à qual o item lexical se refere (Allan 1977).” (Veloso, 2008: 15) Há uma divisão, proposta por Aikhenvald (2000), que os separa em sete tipos. A saber: CL de nomes, CL de número, CLs relacionais, CL de possessivos, CL de verbos, CL de locativos e CL de dêiticos.

De acordo com Aikhenvald (2000), os CLs de verbo “categorizam o referente de seus argumentos pela sua forma, consistência, tamanho, estrutura, posição ou animacidade, e podem co-ocorrer com os argumentos verbais.” (Veloso, 2008: 18) Ou seja, esse predicado seleciona uma raiz de acordo com as propriedades do refe-

rente de um dos argumentos. Isso ocorre através de três processos: incorporação nominal de classificadores, afixação e verbos classificadores supletivos.

Os CLs de verbos foram considerados os que mais se aproximam dos encontrados nas LS. O principal objetivo de Supalla (1986) foi mostrar que as mãos e o corpo são utilizados na ASL como articuladores para marcar CLs de nomes nos verbos de localização e movimento, e compará-los aos das línguas orais. Ele os identificou como semelhantes ao tipo de CL encontrado nas línguas *athabaskan*<sup>2</sup>. Uma dessas línguas, *bearlake*, apresenta verbos denominados classificatórios: ou seja, verbos em que não é possível identificar qual é o morfema classificador e qual é a raiz verbal. Outra língua que apresenta esse mesmo tipo de verbo é a língua *enga*, falada na Nova Guiné, que possui sete verbos classificatórios e estes combinam referência à orientação do argumento do verbo a alguma propriedade inerente desse argumento.

“Grinevald (2000) aponta que os verbos classificatórios efetuam uma classificação lexical que pode ser encontrada em qualquer língua, como por exemplo o inglês, cujos verbos de ingestão identificam a consistência do material ingerido: *to suck* (objetos duros), *to drink* (líquido) e *to chew* (objetos densos).” (Veloso, 2008: 22) Segundo a autora, estes verbos são tidos, muitas vezes, como envolvendo classificadores de verbo, e isso talvez aconteça porque pode ser que a variação não segmentável das raízes verbais seja resultado de uma fusão dos morfemas classificadores com o verbo.

Diante do exposto, podemos seguir tratando do elemento nas línguas de sinais.

---

<sup>2</sup> Por exemplo, as línguas *apache*, *navajo*, *bearlake*, entre outras. Fazem parte de uma família de línguas indígenas faladas no oeste dos EUA e sudoeste do Canadá.

## 2.2. Classificadores nas línguas de sinais

Os classificadores nas línguas de sinais têm sido objeto de estudo de muitos pesquisadores e não há consenso quanto à natureza linguística desta unidade. Existem, inclusive, discussões sobre o uso do termo *classificadores* para denotar tais construções nas LSs<sup>3</sup>. Sabe-se que estes elementos são constituintes de todas as LSs descritas e que têm a propriedade de representar características descritivas e comportamentais do seu referente (entidades animadas ou inanimadas).

Como dito anteriormente, Supalla (1986) teve como principal objetivo comparar o sistema de classificadores da ASL aos das línguas orais, procurando mostrar como uma língua viso-espacial (ou visual-manual, como ele mesmo chama) organiza esse sistema partindo de recursos diferentes e ainda assim compartilha características com as línguas orais. Afirma que, assim como nas LO, em que as palavras são compostas por combinações de morfemas discretos, os verbos de movimento da ASL também o são. Aponta, contudo, duas diferenças entre as modalidades:

[...] in ASL, but not in spoken languages, each of the morphemes is sometimes transparently (or translucently) related to its meaning; and the morphemes tend to combine simultaneously, rather than sequentially. These latter two characteristics give some ASL verbs the appearance, though not the actual structure, of an analogue representation of real-world objects and motions. (SUPALLA, 1986: 182)

Segundo o autor, os CLs são utilizados em verbos de movimento e de localização, e cada um dos parâmetros básicos<sup>4</sup> usados nesses verbos é um morfema.

<sup>3</sup> Ver Mendonça e Gomes (2011) e Schembri (2003).

<sup>4</sup> Segundo Stokoe (1976 [1960]) a união de três aspectos forma os sinais na ASL: *designator* (dez) para as diferentes formas que a(s) mão(s) assume(m); *tabula* (tab) para a localização onde se realiza o sinal; e *signation* (sig) para o movimento realizado pela(s) mão(s). Posteriormente, Klima e Bellugi (1979) passam a usar o termo *parâmetro* para se referir a estes formantes e os denominam de configuração de mão (CM), ponto de articulação (PA) e

Nos classificadores, as mãos e o corpo servem como articuladores para indicar o nome do referente ou o agente da ação. A forma básica do verbo é constituída por uma configuração de mão (ou outra parte do corpo), que é tipicamente o morfema classificador do verbo de movimento (VM) ou do verbo de localização (VL), um movimento dentre um conjunto de movimentos possíveis, que faz referência a um tipo de predicado (existência, localização ou movimento), e uma trajetória para esse movimento. Supalla (1986) descreve os CL dividindo-os em cinco tipos:

- (i) Especificadores de tamanho e forma (ETF) – a CM representa o tamanho e a forma do objeto referente.

a.



b.



Figura 1: Sinais para CASA e CAIXA, QUARTO em ASL

Fonte: Supalla (1986: 207)

- (ii) Classificadores semânticos (ou de entidade, conforme Bernardino (2012)) – comparados aos ETFs, são considerados pelo autor como mais abstratos em termos de representação do objeto. Neles, a CM representa a categoria semântica do referente (por exemplo, animais, veículos, etc.).

---

movimento (M). Estes são os considerados parâmetros primários; como parâmetros secundários temos a orientação da mão (Or) e as expressões não-manuais (ENM).

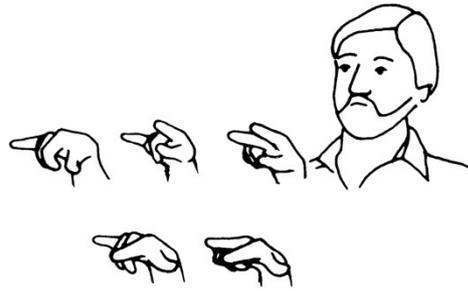


Figura 2: Variações regionais do classificador de AVIÃO em ASL

Fonte: Supalla (1986)

- (iii) Classificadores de corpo – todo o corpo do sinalizador é usado para representar substantivos animados (como pessoas ou animais).



Figura 3: Sinal para BATER-NO-OLHO em ASL

Fonte: Supalla (1986)

- (iv) Classificadores de partes do corpo – a mão do sinalizador é usada para representar uma parte do corpo do referente.

a.

b.

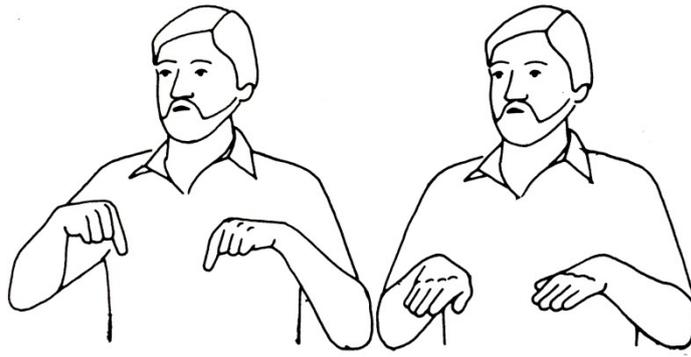


Figura 4: Sinal para PERNAS e sinal para PÉS em ASL

Fonte: Supalla (1986)

- (v) Classificadores de instrumento – a CM representa o movimento do instrumento ou a função da mão manuseando-o.

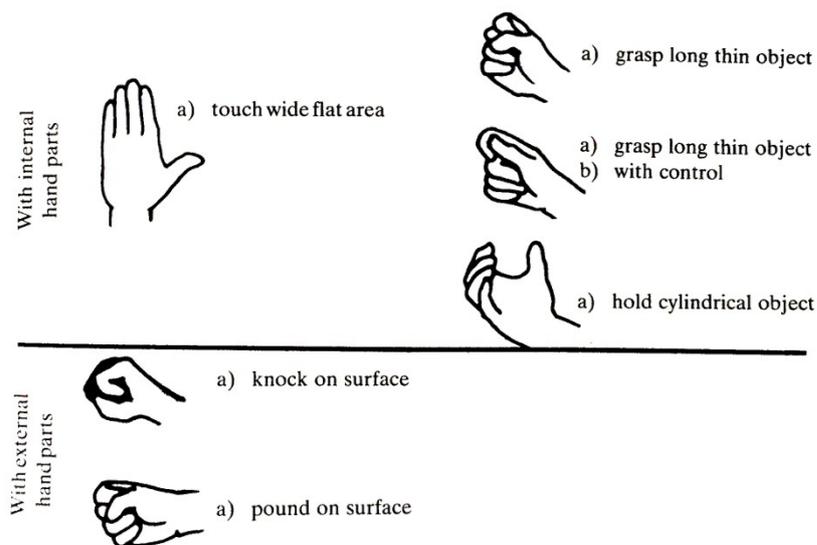


Figura 5: Organização de alguns classificadores de instrumento

Fonte: Supalla (1986)

Para McDonald (1982), que também considera os CL da ASL semelhantes aos das línguas orais, os classificadores são divididos em duas classes básicas de significado: x-tipo de objeto e segurar x-tipo de objeto, ou seja, as formas dos objetos concretos e a maneira de seu envolvimento no evento (referência direta e indire-

ta). Para Baker e Cokely (1980), além disso, há também os classificadores que funcionam como advérbios, pois veiculam informações sobre a maneira em que a ação se dá.

De acordo com Ferreira Brito (1995), que busca ilustrar a multiplicidade de efeitos linguísticos que podem ser obtidos utilizando-se os CLs:

“Mikos (1983: 1) diz que: ‘entre todos os componentes sintáticos em ASL, os CLs são provavelmente considerados os mais importantes. Eles são o cerne da língua, utilizando recursos do corpo do usuário com movimento dentro de um *frame* tridimensional para produzir uma imagem visual rica. Apesar da similaridade física deles com as formas e movimentos que representam no mundo real, tem-se visto que os CLs contêm unidades discretas que seguem certos princípios linguísticos.’” (FERREIRA BRITO, 1995: 108)

Veloso (2008) sintetiza as principais abordagens dos classificadores em:

[...] quatro tipos de propostas de análise: (i) construções classificadoras possuem classificadores semelhantes àqueles das línguas orais – daí deriva a denominação “construções classificadoras”; (ii) construções classificadoras são o resultado de incorporação; (iii) construções classificadoras são estruturas morfossintáticas nucleadas por uma projeção funcional – que pode ser Aspecto, Modo, Maneira, Concordância; e (iv) as informações relevantes que compõem as construções classificadoras são traços ou feixes de traços morfossintáticos que, por sua vez, formam morfemas que se associam a raízes verbais, e que têm o seu significado estabelecido através de mapeamentos de espaços mentais. (VELOSO, 2008: 41)

Neste estudo, consideraremos a abordagem de Supalla (1986) e sua afirmação de que os classificadores são morfemas.

### 2.2.1. Classificadores na Libras

Ferreira Brito (1995) observa que, assim como em ASL, os classificadores em Libras são usados em VM e VL. Apoiando-se em McDonald (1982) – que demonstrou que se encontram unidades definidas semântica e estruturalmente no sinal –, afirma que as CM são tidas como morfemas e que isso “explicaria o fato de serem usadas como afixos classificadores que se juntam ao verbo, para representar características das entidades às quais o nome que substituem se refere”. (p.102) A autora afirma que o CL é um morfema afixado a um item lexical e que lhe atribui a propriedade de pertencer à determinada classe; o CL tem, portanto, significado. Em concordância com Supalla (op. cit.), afirma também que as línguas de sinais parecem ser de um tipo que apresenta CL-predicado, ou seja, ainda que seus CLs possam funcionar como nome, adjetivo, advérbio de modo ou locativo, é no verbo ou no adjetivo que se incorporam.

Segundo Quadros e Karnopp (2004), os classificadores são estruturas complexas em que a configuração de mão, o movimento e a localização são utilizados para especificar qualidades de um referente. Constituem um sistema que faz parte do léxico nativo da libras e que participa densamente no processo morfológico da formação de novas palavras. As construções são extremamente influenciadas pela modalidade viso-espacial, entretanto, ao entrar no léxico nuclear (ou seja, ao serem lexicalizados), os classificadores seguem padrões de lexicalização encontrados em todas as línguas naturais (como flexão, derivação, incorporação). Isso quer dizer que, por exemplo, assim como nas línguas orais, quando palavras complexas (multimorfêmicas) tornam-se palavras simples (monomorfêmicas), ocorrem mudanças morfológicas e semânticas, o mesmo ocorre no processo de lexicalização da libras – quando os classificadores são lexicalizados ou entram no léxico como um sinal con-

gelado. Para ilustrar, temos os casos de “planalto”, em português, e ESCOLA, em libras: no primeiro, o que observamos é uma composição formada a partir de “plano” e “alto”, que deixou de ser pronunciada como duas palavras; no segundo, a composição se dá na junção de CASA e ESTUDAR.



Figura 6: ESCOLA

Fonte: Quadros e Karnopp (2004: 103)

Vemos que,

com a utilização de estruturas sintáticas para fins lexicais, os processos de composição permitem a nomeação ou caracterização de seres pela junção de dois elementos semânticos, de existência independente no léxico, em apenas um elemento lexical. (QUADROS E KARNOPP, 2004: 102)

Este processo é muito comum nas línguas em geral e bastante frequente na libras.

### 3. ARBITRARIEDADE

Ao tratar das línguas de sinais sob a perspectiva do arbitrário, não estamos supondo que Saussure as estava considerando ao apresentar tal conceito. A proposta é mostrar que é possível pensar as LS sob este viés, tendo em vista que se trata de um conceito importante para os estudos linguísticos, sem que isso se contraponha ao seu caráter icônico.

Saussure (1916/2006) concebe a língua como um sistema de signos e, diante da definição do signo linguístico como a combinação do par significante e significado, enuncia o princípio da arbitrariedade:

O laço que une o significante ao significado é arbitrário ou então, visto que entendemos por signo o total resultante da associação de um significante com um significado, podemos dizer simplesmente: *o signo linguístico é arbitrário*. (SAUSSURE, 1916/2006: 81)

Ou seja, para o autor, a ideia expressa por uma palavra não tem nenhuma relação interior com a sequência de sons (ou, no caso, de configurações de mão e movimentos) que lhe representa, podendo ter como significante qualquer outra sequência; e o que sustenta essa ideia é a própria existência de línguas diferentes. No entanto, “qualquer outra sequência” não quer dizer que o significante depende da escolha do indivíduo, mas que é imotivado, arbitrário em relação ao significado. Em outras palavras, a arbitrariedade está no laço/vínculo que os une e não na relação com o objeto referente (extralinguístico), ou seja, é dentro do signo que ela se justifica. O conceito é tão importante na teoria saussuriana porque sustenta diretamente o conceito de valor<sup>5</sup>, central em sua epistemologia programática.

---

<sup>5</sup> “Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com os outros termos do sistema. Sua característica mais exata é ser o que

Bouquet (1997) propõe uma leitura deste princípio que enxerga duas formas de emprego do termo arbitrário: uma que se refere à relação significante/significado, interna ao signo, e outra que se refere à relação que une entre eles os termos do sistema de uma língua dada. Nesse sentido:

Se o mesmo termo, arbitrário, é capaz de recobrir as duas relações, é nessa medida que ele se refere, nos dois casos, a uma realidade transversal a essas relações: a que postula a tese da generalidade do específico, em outras palavras, a realidade de que uma língua se define, quanto a essas duas relações, como sendo diferente das outras línguas. Em outros termos: arbitrário significa estritamente, num caso como no outro, contingente a uma língua - sendo que essa contingência, na perspectiva interna da dita língua, é uma necessidade. (BOUQUET, 1997: 234)

Fala-se, então, em dois graus do arbitrário: o primeiro, arbitrário interno do signo; o segundo, arbitrário sistêmico do signo. O primeiro pode ser entendido como a ausência de necessidade do vínculo, de um traço referencial, de uma ligação analógica do significante com o significado que representa. O segundo “é relativo ao ‘corte’ realizado por um signo na substância à qual ele dá forma” (Bouquet, 1997: 234); trata-se da arbitrariedade na relação que une todas as unidades significantes e todas as unidades significadas, da própria existência de cada um.

Entendemos a noção de arbitrariedade, portanto, como um princípio organizacional da língua, inerente ao sistema e que nele se sustenta e se justifica<sup>6</sup>.

---

os outros não são” (Saussure, 1916/2006: 136). Os valores são inteiramente relativos e, “por sua vez, a arbitrariedade do signo nos faz compreender melhor por que o fato social pode, por si só, criar um sistema linguístico. A coletividade é necessária para estabelecer os valores cuja única razão de ser está no uso e no consenso geral: o indivíduo, por si só, é incapaz de fixar um que seja” (Saussure, 1916/2006: 132).

<sup>6</sup> Em outras palavras, entendemos que a leitura – muito comum – que se faz deste princípio que considera que a arbitrariedade se encontra entre o signo linguístico e o seu referente (e não entre significante e significado) provem de uma confusão teórica. Nesta perspectiva, coloca-se a arbitrariedade fora da língua (entre a língua e o “mundo real”) e não dentro do sistema linguístico.

Saussure (1916/2006), além disso, certificou-se de refutar duas possíveis oposições: o caso das onomatopeias e o das exclamações. Quanto à primeira, o contra-argumento é de que a escolha do significante nem sempre é arbitrária; para o autor, as onomatopeias não são elementos orgânicos de um sistema linguístico, nem mesmo as autênticas (do tipo tic-tac), consideradas imitações aproximativas e convencionais de certos ruídos e, portanto, arbitrárias – além de pouco numerosas. Além disso, o autor afirma:

[...] uma vez introduzidas na língua, elas se engrenam mais ou menos na evolução fonética, morfológica etc., que sofrem as outras palavras [...]: prova evidente de que perderam algo de seu caráter primeiro para adquirir o do signo linguístico em geral, que é imotivado. (SAUSSURE, 1916/2006: 83)

Quanto à segunda objeção, o contra-argumento é análogo, há a tentativa de ver que as exclamações seriam expressões espontâneas da realidade, e para refutá-lo também valem os argumentos acima. Além disso, as exclamações e interjeições variam de língua para língua – bem como as onomatopeias (como podemos observar entre o inglês e o português, por exemplo: ai!/ ouch!, ufa/ phew, au au/ woof woof, toc toc/ knock knock). Dito isso, o autor conclui que estes elementos são de importância secundária e a sua origem simbólica é em parte contestável, além de não poderem se contrapor ao princípio do arbitrário.

#### **4. ICONICIDADE**

É observado que a iconicidade nas línguas de sinais é influenciada (ou favorecida) pela modalidade viso-espacial. Este caráter icônico tem sido responsável por muitas confusões quanto ao seu *status* linguístico: tipicamente, assume-se que os sinais são simplesmente miméticos – embora as línguas de sinais tenham sido reco-

nhecidas como língua desde a década de 1960, com os trabalhos do linguista norte-americano William C. Stokoe. Ademais desse caráter mimético, os sinais contam com características formais (as configurações de mão, os movimentos e as localizações) que os diferenciam da pantomima livre. Klima e Bellugi (1979) afirmam que a invenção de novos sinais na ASL costumam demonstrar uma combinação entre elementos miméticos e convencionais. Dessa forma, um elemento formal icônico (por exemplo, uma configuração de mão), quando fora de contexto, é arbitrário quanto ao significado.

Klima e Bellugi (1979) reconhecem que há, sim, uma relação icônica entre os elementos que formam um sinal e o aspecto do que é denotado, no entanto, isso não determina os detalhes reais da forma propriamente dita. Para ilustrar, tomemos os sinais de árvore:

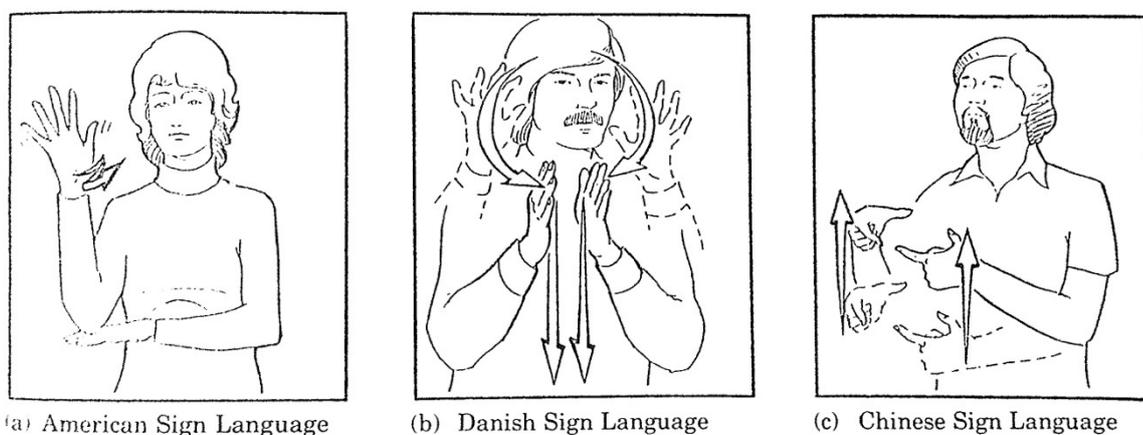


Figura 7: Sinais de árvore (a) na Língua de Sinais America, (b) na Língua de Sinais Dinamarquesa, (c) na Língua de Sinais Chinesa

Fonte: Klima e Bellugi (1979: 21)

Três sinais icônicos: o primeiro, podemos interpretar como o antebraço representando o tronco e a mão, a copa; o segundo, podemos interpretar como o primeiro

movimento sendo a copa e, o segundo movimento, o tronco; o terceiro, podemos interpretar como a representação do tronco. Ou seja, embora estejam claramente representando aspectos visuais de seus significados, todos são completamente diferentes. Neste grupo de sinais é possível perceber não só aspectos diferentes selecionados (*a e c*, *b e c*), como também aspectos semelhantes representados de formas distintas (*a e b*).

Este exemplo elucida o problema da transparência dos sinais, que remete à uma das questões principais do trabalho referido: o quão auto-evidentes são os sinais. Em sua pesquisa, os autores constataram que grande parte dos sinais da ASL não são transparentes, mas opacos<sup>7</sup>. Isso funciona como uma evidência que confirma a ausência de motivação entre o sinal e o significado, reforçando o caráter arbitrário do sistema. Os pesquisadores puderam perceber também a presença dos chamados sinais translúcidos<sup>8</sup>, o que confirma que parte dos sinais da ASL possuem um aspecto representacional. Em outras palavras, o que se pode notar, também, é que a iconicidade é manifestada em graus diferentes. Sobre essa gradação:

One of the most striking effects of regular morphological operations on signs is the distortion of their form so that iconic aspects of the signs are overridden and submerged. This is the case even when the operations may themselves exhibit some degree of iconicity. (KLIMA; BELLUGI, 1979: 30)

Estudos mostram que muitos sinais da ASL, com o tempo, foram perdendo a sua transparência original. Ademais:

---

<sup>7</sup> Um dos estudos desenvolvidos pelos autores consistiu em apresentar a um grupo de ouvintes com nenhum conhecimento prévio sobre línguas de sinais 90 sinais da ASL (que incluíam substantivos concretos e abstratos), afim de que os sujeitos adivinhassem o seu significado. Para mais, ver Klima e Bellugi (1979: 22).

<sup>8</sup> Isso apareceu como resultado de um estudo que consistiu em apresentar a um grupo de sujeitos não sinalizantes 90 sinais da ASL, seguidos da sua tradução em inglês, afim de que os sujeitos descrevessem o que consideravam como a base da relação entre o sinal e a sua tradução. Para mais, ver Klima e Bellugi (1979: 23).

A comparison between sign forms in two independent sign languages (Chinese and American) again suggests that there are indeed abstract formational constraints on the lexical items of the language. Some handshapes locations, and movements are language-specific [...]. In addition to their iconic representational qualities, then, signs exhibit another level of organization, a componential level. ASL signs appear to be processed, coded, and produced by native signers, not in terms of their overall representational qualities, but rather as constituted of a limited set of elements of a combinatorial system. Furthermore, the recurring systematic components of signs, when considered outside of sign contexts, are, in general, arbitrary with respect to meaning. (KLIMA; BELLUGI, 1979: 28)

Portanto, conclui-se que, visto haver consenso quanto à presença da iconicidade no sistema das línguas de sinais, esta pode ser considerada uma característica formal da língua e, então, regida pela arbitrariedade e demais princípios linguísticos (Frydrych, 2012).

Seguiremos, agora, analisando os dados do experimento sob esta perspectiva.

## **5. METODOLOGIA**

Como metodologia, com base num estudo de Bernardino (2012), a proposta é trabalhar com a produção eliciada de sinais por meio da aplicação de uma tarefa que consiste em imagens-estímulo (estáticas) que são apresentadas ao sujeito surdo através de um vídeo, enquanto a resposta sinalizada é filmada.

A aplicação dessa tarefa visa a eliciar construções classificadoras – visto que estas são consideradas como altamente influenciadas pela modalidade viso-espacial e, portanto, icônicas – e descrevê-las afim de fomentar a discussão apresentada sobre a relação entre o icônico e o arbitrário.

### 5.1. Descrição do experimento

Tendo como referência uma sub tarefa do ASL Assessment Instrument (ASLAI)<sup>9</sup>, a Real Objects Task<sup>10</sup>, o experimento consiste em uma tarefa que elicia a produção de classificadores em Libras. São 11 itens apresentados em forma de vídeo, introduzidos por instruções sinalizadas em libras por um intérprete certificado pelo Prolibras<sup>11</sup>.

O vídeo foi apresentado usando um computador que gravou as respostas sinalizadas. A orientação é para que o sujeito descreva cada cena vista; e as cenas, por sua vez, são imagens estáticas exibidas durante um intervalo de 15 segundos cada.

A seguir, os itens componentes da tarefa:



Figura 8: Item #1 do experimento



Figura 9: Item #2 do experimento

Fonte: Acervo pessoal.

<sup>9</sup> “The ASLAI measures conversational language abilities, academic language knowledge, and metalinguistic skills in ASL.” (<http://www.bu.edu/cscd/aslai/abstract/>)

<sup>10</sup> “Essa tarefa é definida como ‘uma tarefa expressiva que elicia o conhecimento de classificadores, incluindo instrumentos, partes do corpo, relações primárias e secundárias, pluralização (quantificação) e organização’ (Hoffmeister et al., 1997)” (Bernardino, 2012: 250).

<sup>11</sup> Exame Nacional para Certificação de Proficiência no uso e no ensino de Libras e para Certificação de Proficiência na tradução e interpretação de Libras/Português/Libras.



Figura 10: Item #3 do experimento



Figura 11: Item #4 do experimento

Fonte: Acervo pessoal.



Figura 12: Item #5 do experimento



Figura 13: Item #6 do experimento

Fonte: Flickr



Figura 14: Item #7 do experimento



Figura 15: Item #8 do experimento

Fonte: Flickr



Figura 16: Item #9 do experimento



Figura 17: Item #10 do experimento

Fonte: Flickr



Figura 18: Item #11 do experimento

Fonte: Flickr

## 5.2. Participantes

O grupo é composto por nove sujeitos surdos (profundos ou não) sinalizantes de libras, com idade entre dezenove e quarenta e oito anos. Há, dentre eles, sujeitos oralizados.<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> Infelizmente, não foi possível coletar informações mais precisas a respeito da aquisição de libras por cada participante.

### 5.3. Análise dos dados

O objetivo deste experimento é descrever os resultados das produções motivadas visualmente e articular a análise dos dados com a desconstrução da dicotomia entre arbitrariedade e iconicidade, verificando que a pluralidade icônica que pode haver na produção de classificadores não desrespeita o princípio da arbitrariedade, em concordância com o exposto no Capítulo 4.

De um total de 99 itens, apenas 12 não foram representados com construções classificadoras. O que aconteceu nestes casos, no geral, foi que o sujeito selecionou um elemento da imagem que possui um sinal lexicalizado (por exemplo, peixe e cobra) e este serviu como resposta. Aconteceu também de sujeitos descreverem a imagem sem utilizar nenhum classificador – por exemplo, no item #2, um dos sujeitos disse que havia um tomate vermelho e outros quatro verdes.

Para a análise dos dados, foi tomado como base o quadro de CMs descrito por Ferreira-Brito (1995). O inventário apresenta 46 CMs, descritas a partir de dados coletados nas principais capitais brasileiras, porém sem uma identificação enquanto CMs básicas ou CMs variantes. Portanto, este conjunto de CMs se refere “apenas às manifestações de superfície, isto é, de nível fonético, encontradas na língua de sinais brasileira” (Quadros e Karnopp, 2004: 53).

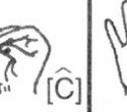
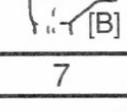
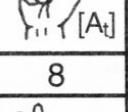
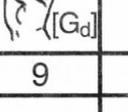
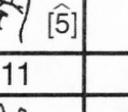
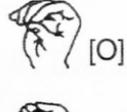
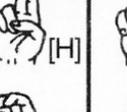
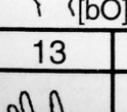
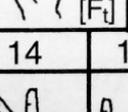
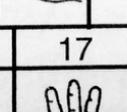
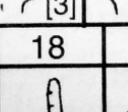
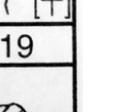
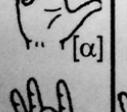
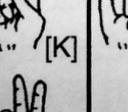
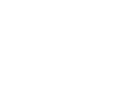
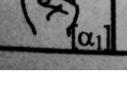
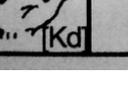
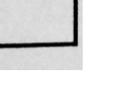
1	2	3	4	5	6	
 [B]	 [A]	 [G]	 [C]	 [5]	 [V]	
 [Ḃ]	 [Ā]	 [G₁]	 [Ĉ]	 [5₄]	 [V̇]	
 [B_b]	 [A₆]	 [G_g]		 [5̇]		
 [B̂]	 [A_t]	 [G_d]		 [5̂]		
7	8	9	10	11	12	
 [O]	 [F]	 [X]	 [H]	 [3]	 [M]	
 [Ô]	 [F_i]		 [Ḣ]	 [3̇]	 [Ṁ]	
 [bO]	 [F_i]		 [Ĥ]	 [3̂]	 [T]	
13	14	15	16	17	18	19
 [α]	 [K]	 [I]	 [R]	 [W]	 [L]	 [E]
 [α_i]	 [K_d]				 [L̇]	

Figura 19: Inventário de CMs da libras

Fonte: Quadros e Karnopp (2004)

Na tabela abaixo, os resultados são descritos por itens, visando identificar a variedade de alternativas encontradas para descrever cada imagem-estímulo:

Item	CMs usadas	Tipos de CL	Aspectos representados
#1	bO, $\ddot{V}$ , $G_1$ , B, C, L	ETF, Entidade, Partes do Corpo	Caixa, buraco, poleiro, bico, corpo
#2	5, V, O, $\overset{\cdot}{5}$ ,	ETF, Entidade	Planta, galhos, tomates
#3	5, $\dot{B}$ , A, $\ddot{V}$	Entidade	Árvore, bicicleta, folhas espalhadas
#4	$\hat{B}$ , bO, X, $\overset{\cdot}{5}$ , Y, $G_1$ e "3"	ETF, Partes do Corpo	Pescoço, bico, pés
#5	$\dot{B}$ , 5, A, $\hat{C}$	ETF, Entidade	Peixe, listras do peixe, anêmona
#6	A, B, $\dot{B}$	ETF	Trânsito, curva
#7	C, $\overset{\cdot}{5}$ , bO, 5, $\hat{C}$ , $G_1$	ETF, Entidade	Forma e profundidade do recipiente, forma, tamanho e disposição do macarrão
#8	B, $\dot{B}$	Entidade	Fileira de bicicletas, posição diagonal

Item	CMs usadas	Tipos de CL	Aspectos representados
#9	$\hat{B}$ , $\ddot{V}$ , bO, A, C	Entidade, de Instrumento, de Corpo	Folha, formiga, forma como é carregada a folha, tamanho e peso da folha
#10	$\hat{B}$ , $\ddot{V}$ , A <sub>6</sub> , 5	ETF, Entidade	Cobra, árvore, galhos
#11	B, $\hat{B}$	Entidade	Tubarão e rêmora

Nota-se uma quantidade razoável de diferentes CMs usadas (18 ao todo, 39% do total descrito no quadro anterior), tanto no total quanto dentro de cada item, principalmente se considerarmos a relação entre a quantidade de aspectos representados e a quantidade de CMs. O item #4 é um bom exemplo disso: eliciu dois tipos de CL (de Partes do Corpo e ETF) com certa variedade de CMs e movimentos. O CL de Partes de Corpo mais comum foi o que representou o pescoço do flamingo com o antebraço (Figs. 20, 21 e 22). No entanto, nestes CLs foram encontrados três CMs diferentes:  $\hat{B}$ , bO e X. Foram considerados, portanto, classificadores complexos, visto que são a união de um CL de Partes do Corpo com um CL Entidade (representando a categoria “aves”).

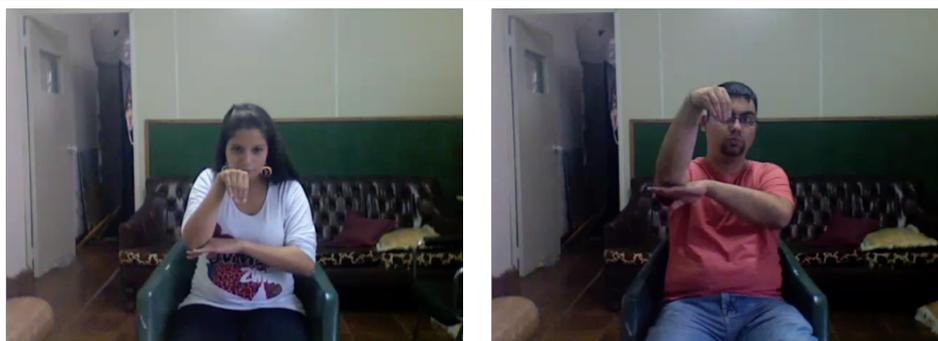


Figura 20: CL complexo tipo 1



Figura 21: CL complexo tipo 2



Figura 22: CL complexo tipo 3

Outra forma de classificar selecionando o aspecto do pescoço do animal foi com a CM bO, fazendo um movimento alongado em  $U$  partindo da região do pescoço do sinalizante (Fig. 23). Trata-se, novamente, de um classificador complexo: o

pescoço funciona como um CL de Corpo, o movimento realizado com a mão funciona como um CL ETF e, por sua vez, a CM como um CL Entidade para a categoria “aves”. Uma terceira forma, ainda, de classificar com base no pescoço foi através da combinação de duas CM (em  $\overset{\cdot}{5}$  e em X) formando um classificador complexo composto por dois CL de Partes do Corpo (Fig. 24).



Figura 23: CL complexo tipo 4

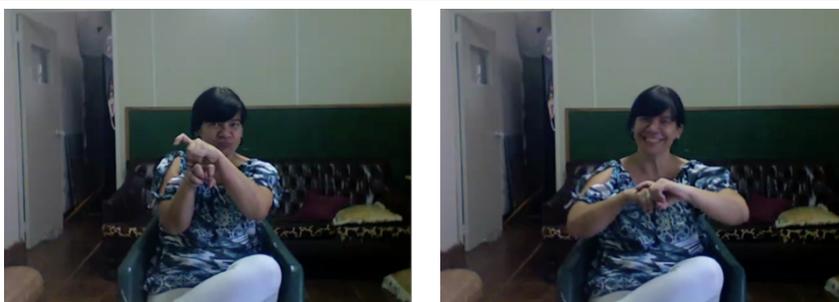


Figura 24: CL complexo tipo 5

Outro aspecto representado foram os pés do animal, através de três CMs diferentes: Y, G<sub>1</sub> e “3”<sup>13</sup> (Fig. 25).



Figura 25: CLs de Partes do Corpo para os pés do flamingo

Outro item interessante nesse sentido é o #1, que eliciou classificadores em todos os casos. Mesmo havendo um sinal para pássaro (icônico, mas lexicalizado), houve um caso em que não apareceu e somente a caixa foi representada (por um CL ETF). Houve três casos em que a CM do sinal lexicalizado foi mantida durante a realização do CL Entidade (Fig. 26), dois em que foi usada outra CM para representar os pés do passarinho como CL Partes do Corpo (Fig. 27), quatro em que foi usa-

<sup>13</sup> Consideramos a CM apresentada como uma variação de 3, pois o sujeito se valeu da flexão do indicador para representar a posição (comum, mas que não está presente da imagem) das pernas do animal.

da uma terceira CM para representar como CL Entidade (Fig. 28), enquanto o restante realizou o próprio sinal de pássaro.



Figura 26: CLs que mantiveram a CM do sinal lexicalizado

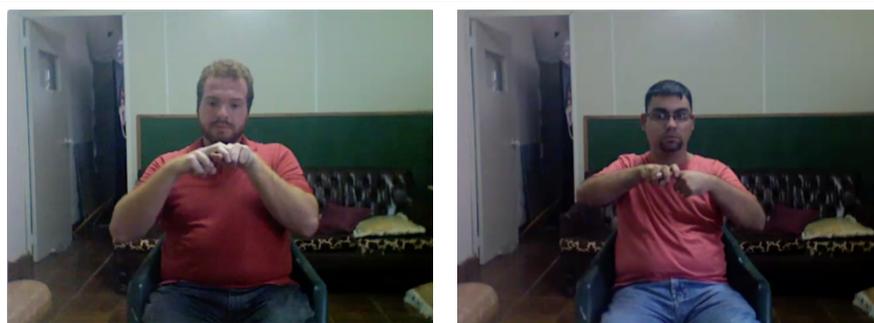
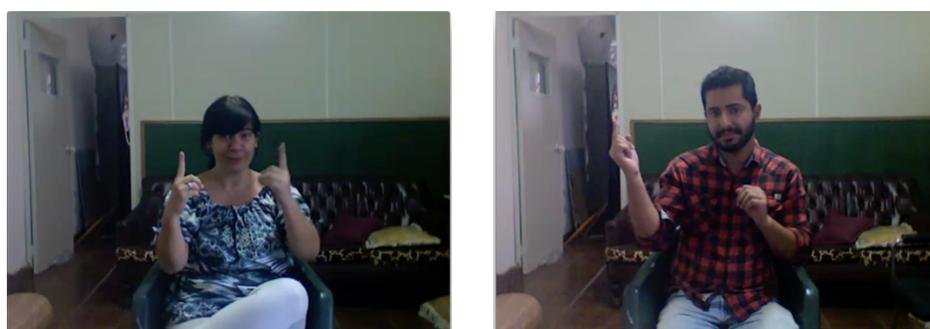


Figura 27: CLs de partes do corpo



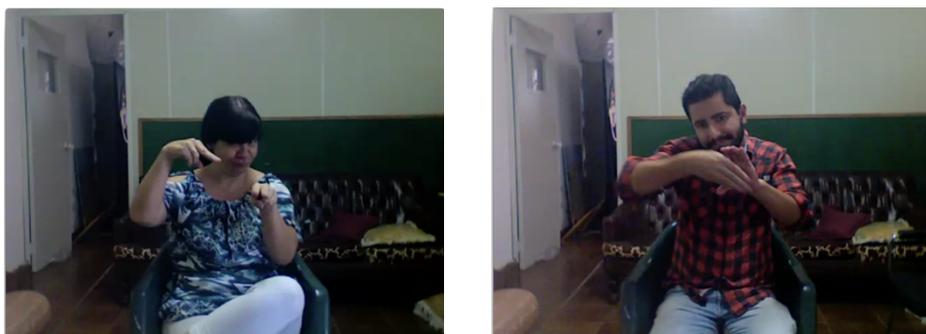


Figura 28: CLs de entidade

Quanto à caixa onde os passarinhos estão, três sujeitos a representaram com CLs ETF (Fig. 29) e em três casos o buraco também foi representado por CLs ETF (Fig.30) (somente em um coincidiu de as duas representações estarem presentes).



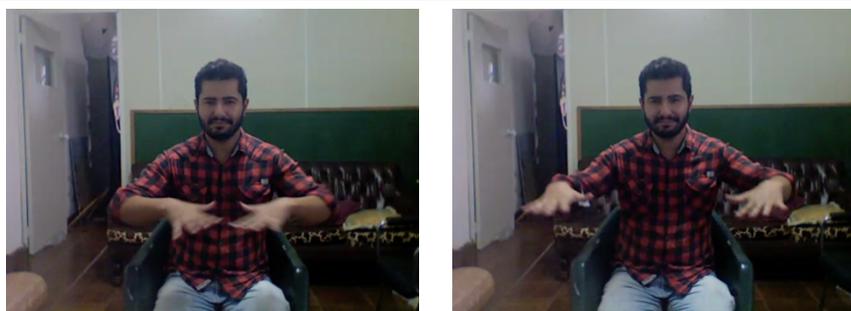
Figura 29: CLs ETF representando a caixa



Figura 30: CLs ETF representando o buraco

Diante disso, é possível notar que a escolha da CM - bem como do aspecto a ser representado - está diretamente relacionada ao foco do sujeito em determinado elemento do estímulo. Observamos 3 casos em que um certo aspecto foi sinalizado por apenas um sujeito:

1. No item #3 utilizou um CL Entidade para representar as folhas secas espalhadas pelo chão, com CM em 5 fazendo movimento circular (Fig. 31).



---

Figura 31: CL Entidade para folhas espalhadas

2. No item #5 um sujeito usou um CL ETF para se referir às listras do peixe (Fig. 32).



---

Figura 32: CL ETF para listras

3. No item #6, ao contrário do esperado, somente um sujeito sinalizou um CL ETF com CM em B representando a curva (Fig, 33).



Figura 33: CL ETF para curva

Neste último, aliás, é interessante notar que foi o estímulo menos produtivo. O esperado era que os sujeitos representassem a disposição dos carros lado a lado com CL Entidade usando CM em B, e que talvez fizessem referência à curva. No entanto, todos os sujeitos utilizaram o sinal de trânsito e, como já foi dito, somente um sinalizou a curva. É necessário pontuar aqui que foi levado em conta que:

por exemplo, no sinal CASA, a configuração de mão em B é um fonema e ela só passará a ser um classificador (um morfema) se, digamos, durante uma narrativa, ela permanecesse no espaço (por exemplo, a mão esquerda em B representando o teto), enquanto a mão direita executaria outros sinais, tomando-a como ponto de referência, como seria o caso de sinais descrevendo uma ação de um animal pulando sobre o teto. Neste caso, teríamos sim um classificador (B). (FERREIRA BRITO, 1995: 112)

Ou seja, nessa análise assumimos que, assim como CASA, TRÂNSITO possui um sinal lexicalizado que é icônico - as duas mãos posicionadas lado a lado com CM em B com orientação para baixo deslizam para trás - mas que só passará a ser interpretado como um classificador em determinado contexto. O classificador espe-

rado, inclusive, só difere do sinal lexicalizado por conta do movimento. Outras imagens-estímulo também continham elementos que possuem um sinal icônico lexicalizado, mas que passam pelo processo descrito acima (Fig. 10), como ÁRVORE<sup>14</sup>, por exemplo:

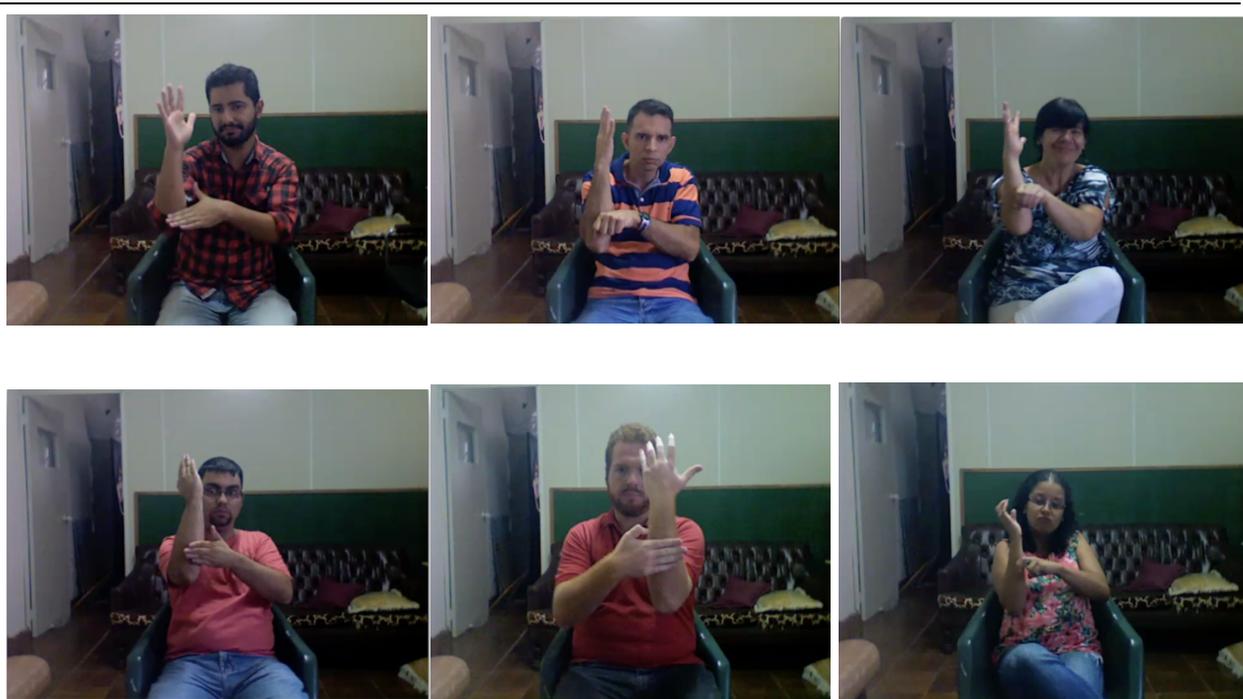


Figura 34: CLs complexos para bicicleta + árvore

Tendo em vista ainda os sinais lexicalizados, observamos outros dois fenômenos: os que foram substituídos por CL Entidade devido ao contexto e os que sofreram a mesma substituição mas “descontextualizados”. Nas imagens acima te-

<sup>14</sup> No sinal lexicalizado de árvore são utilizados os dois antebraços, um em posição vertical (com a mão aberta, com orientação voltada para frente) e o outro em posição horizontal (com a mão fechada ou aberta com orientação voltada para baixo). O cotovelo do antebraço na vertical é tocado pelo que está na horizontal e faz uma rotação, de modo que a palma da mão termina orientada para trás.

mos um exemplo de substituição do sinal BICICLETA pelas CMs  $\hat{B}$ , A e  $\hat{V}$ , devido ao contexto. A seguir, exemplos dos casos “descontextualizados” (Fig. 35 3 36):



Figura 35: CL Entidade para peixe



Figura 36: CL Entidade de cobra em B

Durante a escolha das imagens-estímulo, buscou-se por itens que pudessem ser relativamente combinados em pares com a finalidade de comparar o CL eliciado na representação de um mesmo elemento (ou categoria) em contextos diferentes - por exemplo, os peixes, os pássaros e as bicicletas. O que pudemos observar é que houve uma variação na escolha da CM sinalizada não só de um sujeito para outro, como entre itens diferentes descritos pelo mesmo sujeito. A seguir, exemplos deste último caso (Fig. 37, 38 e 39):



Figura 37: Variação de CM para representar bicicleta

---

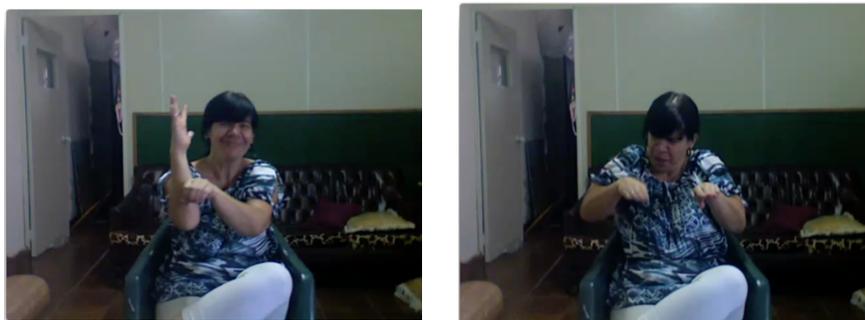


Figura 38: Variação de CM para representar bicicleta

---



Figura 39: Variação de CM para representar peixe

---

Além do caso já mencionado do item #3 (imagem dos carros), mais duas imagens foram escolhidas com base na possibilidade de eliciar um CL ETF: os itens #7 e #11 (imagem do macarrão e do tubarão e rêmora). No item #7 o recipiente foi representado, em todas as ocorrências, por CLs ETF e estes, por sua vez, contaram

com certa variação de CMs (Fig. 40). Somente dois sujeitos não fizeram referência à profundidade.



---

Figura 40: CLs ETF para recipiente

Como há um sinal lexicalizado para macarrão, não encontramos muitas construções que especificassem a sua forma, o que era esperado (por isso a escolha do macarrão parafuso). Apenas dois sujeitos utilizaram um CL ETF para especificar o aspecto retorcido do macarrão, com CM em  $G_1$  nas duas mãos e realizando movimentos circulares uma sobre a outra (Fig. 41).



Figura 41: CL ETF para macarrão parafuso

Outros CLs ETF encontrados especificavam o tamanho do macarrão e a sua disposição no recipiente, com a CM em C (Fig. 42). E, ainda, uma outra forma de classificar a localização do macarrão foi utilizando CL Entidade em conjunto com CL ETF do recipiente (Fig. 43).

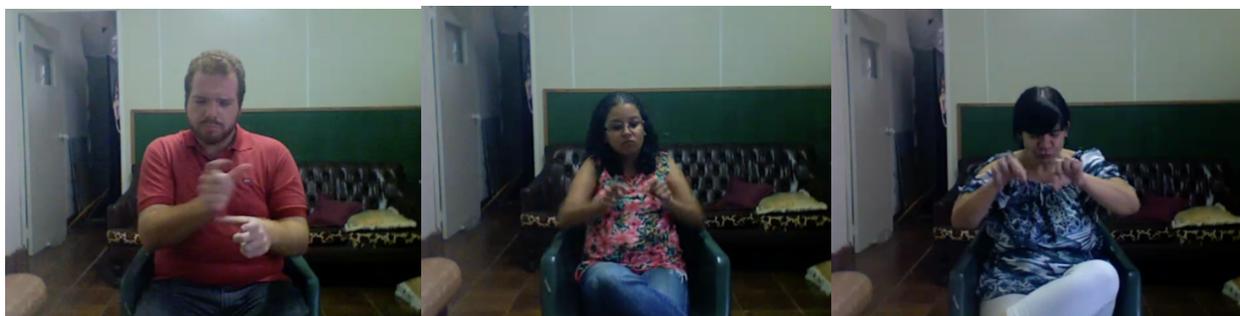


Figura 42: CL ETF para a localização do macarrão



Figura 43: CL Entidade em conjunto com CL ETF para a localização do macarrão

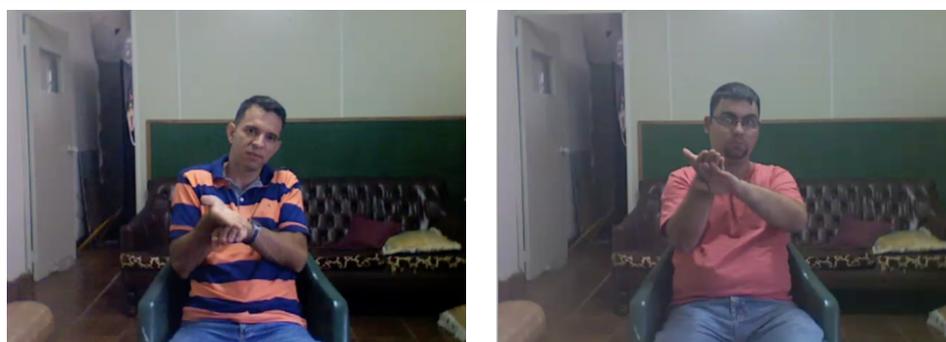
Já no item #11, era esperado que fossem usados CLs Entidade combinados a CLs ETF para que fossem representados tubarão e rêmora (categoria “peixe”) com uma diferenciação de tamanho – por exemplo, uma CM em B e outra em  $G_1$ . No entanto, isso não ocorreu. Os classificadores obtidos são todos de Entidade, mas nenhum ETF. Em todos os casos, os CL (com CM em B) foram realizados um sobre o outro (Fig. 44), sendo que dois se diferenciam pela orientação da palma da mão (CLs que representam a rêmora com orientação para cima) (Fig. 45).





---

Figura 44: CLs Entidade de peixe com a mesma orientação



---

Figura 45: CLs Entidade de peixe com orientações diferentes

Um caso interessante, em que o uso de um CL ETF não era esperado mas apareceu, ocorreu no item #2 (imagem dos tomates). No geral, as descrições consistiram em realizar o sinal de árvore, seguido do sinal de tomate (ou do sinal de fruto) e depois um classificador. Houve um caso em que apareceu um classificador ETF com CM em V representando os galhos da imagem (Fig. 46).

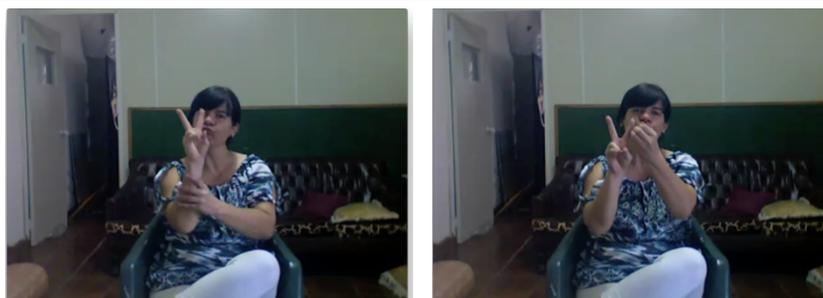


Figura 46: CL ETF representando os galhos

No item #8, foram sinalizadas construções que se utilizaram de dois CLs Entidade (para folha e para inseto) para descrever a imagem (Fig. 47). Nelas, os dois CLs se combinam afim de representar a localização da folha em relação à formiga.



Figura 47: CLs Entidade para a formiga carregando a folha tipo 1

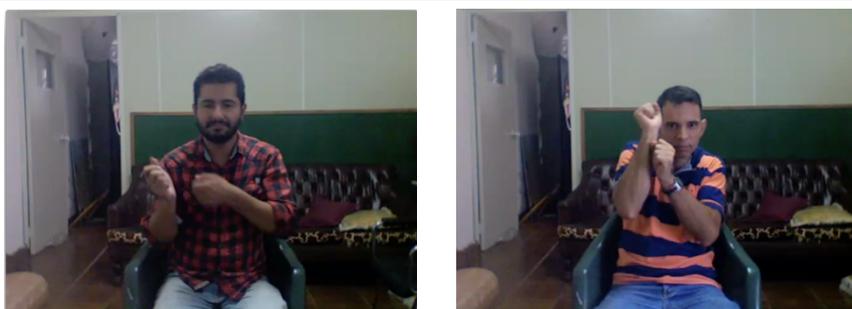
Além desse tipo de construção, notamos uma em que o que se mantém fixo é um antebraço de base, sobre o qual é representada primeiro a formiga

(CL Entidade mantendo a CM do sinal lexicalizado) e depois a folha (CL Entidade com CM em B com orientação da palma para baixo, diferentemente dos casos acima) (Fig. 48).



Figura 48: CL Entidade para a formiga carregando a folha tipo 2

Outra representação encontrada foi realizada com CL de Corpo, no qual o próprio sujeito representa a formiga carregando a folha (Fig. 49). Este CL também pode ser interpretado como CL de Instrumento, visto que especifica a forma como a folha é carregada. Dois dos sujeitos usaram ENM caracterizando um objeto pesado. Um dos sujeitos, ainda, usou a CM em C com as duas mãos representando um objeto grande, combinado à ENM.



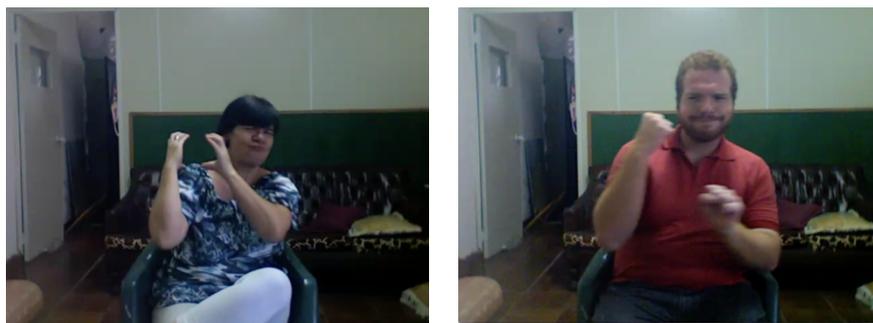


Figura 49: CL de corpo para a formiga carregando a folha

No item #10, há sinal lexicalizado para os dois principais elementos (cobra e árvore). O sinal de árvore foi utilizado em todas as ocorrências, já o de cobra foi substituído por um CL com outra CM em uma delas. Um dos sujeitos utilizou um CL Entidade com CM em B para representar a cobra, tanto sozinha quanto “na árvore”. Todos os outros mantiveram a CM em  $\ddot{V}$  do sinal congelado e a classificação aconteceu através do movimento realizado. Somente um sujeito representou o movimento da cobra se enrolando em outra localização que não o sinal de árvore (Fig. 50).

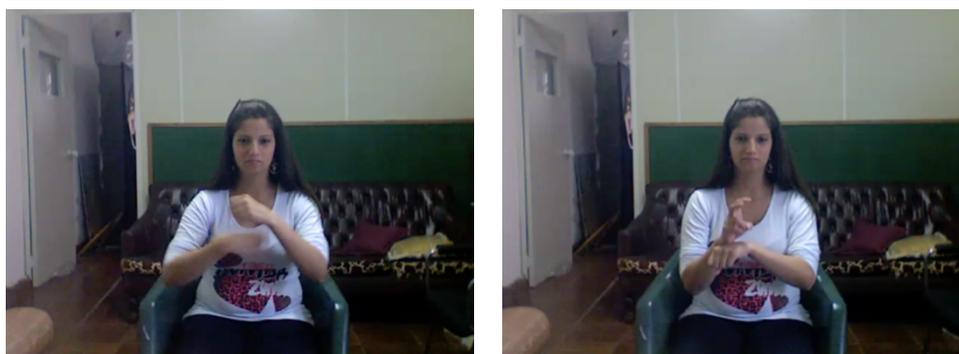


Figura 50: CL Entidade de cobra enrolada

Todo o restante realizou movimentos circulares ao redor do antebraço, alguns apoiando o CL de cobra sobre os dedos (que podem ser interpretados como CL ETF para os galhos da árvore), outros apoiando-o no próprio antebraço (Fig. 51).



Figura 51: CLs para cobra enrolada na árvore

### 5.3.1. Considerações sobre os resultados

Diante dos dados apresentados, três coisas ficam evidentes: 1) os classificadores claramente representam aspectos visuais de seus significados; 2) a arbitrariedade na escolha desses aspectos e da maneira de realização; 3) a gradação da iconicidade a que se referem Klima e Bellugi (1979).

Embora, no geral, tenha havido uma certa conformidade na seleção do aspecto a ser representado, em nenhum item ocorreu a seleção de somente um. Além disso, mesmo que o aspecto escolhido tenha sido o mesmo, em nenhum item houve

unanimidade na utilização do classificador (não me refiro aqui aos classificadores que pertencem à mesma categoria, mas às CMs e movimentos que os compõem).

É interessante notar que elementos iguais foram classificados de maneira diferente em itens separados, mesmo quando era usado um CL da mesma categoria. Por exemplo, o elemento peixe: foi representado somente com CLs Entidade nos dois itens em que apareceu e, ainda assim, todos distintos (notando que foram formados, inclusive, com a mesma configuração de mão).

Nesse sentido, ainda, podemos notar que a mesma configuração de mão foi utilizada para classificar itens completamente distintos, ainda que pertencentes à mesma categoria. Como exemplo temos a CM B, que apareceu como CL Entidade para pássaro (Fig. 27), peixe (Fig. 38, 43 e 44), bicicleta (Fig. 33, 36 e 37) e cobra (Fig. 35 e 50). Isso evidencia uma relação da realização de classificadores tanto com o foco do sinalizador como com o contexto. Constatamos, “assim, uma sujeição às condições pragmático-discursivas no uso da língua” (Bernardino, 2012: 276).

## **6. CONCLUSÃO**

A proposta deste trabalho era rever os conceitos de iconicidade e arbitrariedade e desconstruir a relação dicotômica que é usualmente estabelecida entre eles, tendo como escopo os estudos de Saussure (1916/2006) e Klima e Bellugi (1979). Afim de verificar os argumentos e contribuir com a discussão, foi desenvolvida uma tarefa para eliciar a produção de classificadores por sujeitos surdos. Os classificadores foram o objeto escolhido devido à sua similaridade física com as formas e movimentos que representam no mundo real, característica que é explorada afim de obter efeitos gramaticais e semânticos, ou seja, os classificadores são um elemento através do qual podemos observar como a iconicidade funciona dentro da língua.

Diante do exposto nos capítulos anteriores, ficou claro que é impossível desconsiderar o caráter icônico das línguas de sinais, comumente colocado em oposição ao princípio da arbitrariedade. Se este é um dos princípios que confere a uma dada língua o seu status linguístico, estabelecer essa relação dicotômica entre o icônico e o arbitrário é algo que não faz sentido ao considerarmos o fato de que há elementos icônicos em muitas línguas naturais – senão todas<sup>15</sup> – orais e de sinais.

Ademais, tendo em vista que a arbitrariedade é um princípio de organização do sistema linguístico e que a iconicidade é uma característica formal, há um impedimento hierárquico que não permite que sejam postas em oposição simplesmente porque não são da mesma ordem: no sistema linguístico, a arbitrariedade rege a iconicidade. Nesse sentido, podemos afirmar, todo sinal icônico é arbitrário, mas nem todo sinal é icônico; ou ainda: “todo o sinal é arbitrário, mas nem todo sinal é icônico” (Frydrych, 2012: 291).

Pudemos verificar essa relação ao examinar os dados colhidos, quando percebemos que, embora tenham sido motivados por aspectos visuais, os sinais realizados respeitam as restrições do sistema. Em outras palavras, podemos dizer que respeitar tais restrições significa não violar o status de língua, e esta é uma questão que diz respeito não só à pesquisa linguística e ao ponto de vista teórico, visto que o reconhecimento das línguas de sinais enquanto língua envolve também problemas políticos e sociais. Reconhecer a língua de sinais é também reconhecer o surdo.

---

<sup>15</sup> Valemo-nos, aqui, das onomatopeias e interjeições, visto que, na leitura que fazemos de Saussure (1916/2006), identificamos o que acontece com as onomatopeias semelhante ao que acontece com os classificadores e demais sinais icônicos; não é que elas não guardam qualquer iconicidade, pelo contrário, mas a iconicidade observada não é suficiente para desautorizar o caráter arbitrário do sistema nem o do signo, dado que são signos linguísticos e ao se tornarem parte da língua se submetem às suas regras.

## REFERÊNCIAS

1. AIKHENVALD, A. Y. *Classifiers. A Typology of Noun Categorization Devices*. New York. Oxford University Press, 2000.
2. ALLAN, K. Classifiers. *Language* 53, 1977.
3. BAKER, C.; COKELY, D. *American sign language: a teacher's resource text on grammar and culture*. Silver Spring, MD: TJ Publishers. 1980.
4. BERNARDINO, Elidéa Lúcia Almeida. O uso de classificadores na língua de sinais brasileira. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].
5. BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 2000.
6. BRITO, Lucinda Ferreira. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Rio de Janeiro, RJ: Tempo Brasileiro: UFRJ, Dep. de Linguística e Filologia, 1995.
7. FRYDRYCH, Laura Amaral Kümmel. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico das línguas de sinais. *ReVEL*, v. 10, n. 19, 2012. [www.revel.inf.br].
8. GRINEVALD, C. A Morphosyntactic Typology of classifiers. In: Senft, G. (ed.). *Systems of Nominal Classification*, p. 50-92. Cambridge: Cambridge University Press, 2000
9. KLIMA, Edward; BELLUGI, Ursula. *The signs of language*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press. 1979.
10. McDONALD, B. H. *Aspects of the American Sign Language Predicate System*. PhD State University of New York, Buffalo, 1982.

11. MENDONÇA, C. S. S. S. ; GOMES, D. M. . Classificação Nominal em Libras: uma proposta de revisão. In: VII Congresso Internacional da Abralín, 2011, Curitiba. Abralín Curitiba 2011, 2011. p. 870-884.
12. QUADROS, Ronice; KARNOPP, Lodenir. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004
13. SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.
14. SCHEMBRI, A. Rethinking 'Classifiers' in Signed Languages. In: Emmorey, K. (Ed.) *Perspectives on Classifiers in Sign Language*, 2003.